

ALGUMAS NOTAS SOBRE DINÂMICA SOCIOTERRITORIAL EM PEQUENA CIDADE: O CASO DE SERRINHA DOS PINTOS (RN)

José Erimar Santos

Mestrando em Geografia pela UFRN
zerieval@yahoo.com.br

RESUMO: Este trabalho objetiva traçar algumas notas sobre a dinâmica socioterritorial em cidade pequena, tendo como recorte espacial a cidade de Serrinha dos Pintos, localizada na região do Alto Oeste Potiguar. Deste modo, optou-se por um recorte metodológico que privilegia questões de âmbito econômico e socioespacial, recorrendo a dados do IBGE, pesquisa bibliográfica e experiência empírica, com registros e conversas com os agentes e elementos do espaço, propulsores da dinâmica socioterritorial, quais sejam: homens, instituições, meio ecológico e infraestruturas, cujo papel materializado, sobretudo no âmbito econômico, nos serviços e no fator político, configura-se de fundamental importância na dinâmica territorial dessa cidade. Destacam-se, como vetores dessa dinâmica, os fatores econômicos, os serviços e o governo local. Esses fatores não são neutros e relacionam-se aos de níveis nacional e até global. A referida cidade passa por significativas deficiências ligadas aos serviços sociais, bem como ao mercado de trabalho, vinculados diretamente ao seu próprio desenvolvimento espacial. Nesse sentido, a exemplo de Serrinha dos Pintos (RN), as pequenas cidades ainda carecem de mais estudos geográficos e intervenções, pois o processo de produção e organização, concernentes à produção e reprodução de seus espaços reveladores de sua dinâmica socioterritorial processam-se, num constante processo, afetando sua sociedade.

Palavras-chave: Dinâmica socioterritorial. Cidade pequena. Serrinha dos Pintos (RN).

SOME NOTES ON SOCIO-TERRITORIAL DYNAMIC IN SMALL TOWN: THE CASE OF SERRINHA DOS PINTOS (RN)

ABSTRACT: This paper aim to draw some notes on the socio-territorial dynamic in a small town, with the spatial area of the city of Serrinha dos Pintos, located in the Alto Oeste Potiguar. So, we opted for a methodological approach that emphasizes issues of the economic and sociospatial, using number from IBGE, search literature and empirical experience, with records and conversations with agents and elements of space, drivers of socio-territorial dynamic, which are: men, institutions, ecological environment and infrastructure, whose role materialized, especially in the economic scope, in the services and the political factor, configures itself of fundamental importance in the territorial dynamic of this city. Stand out, as vectors of this

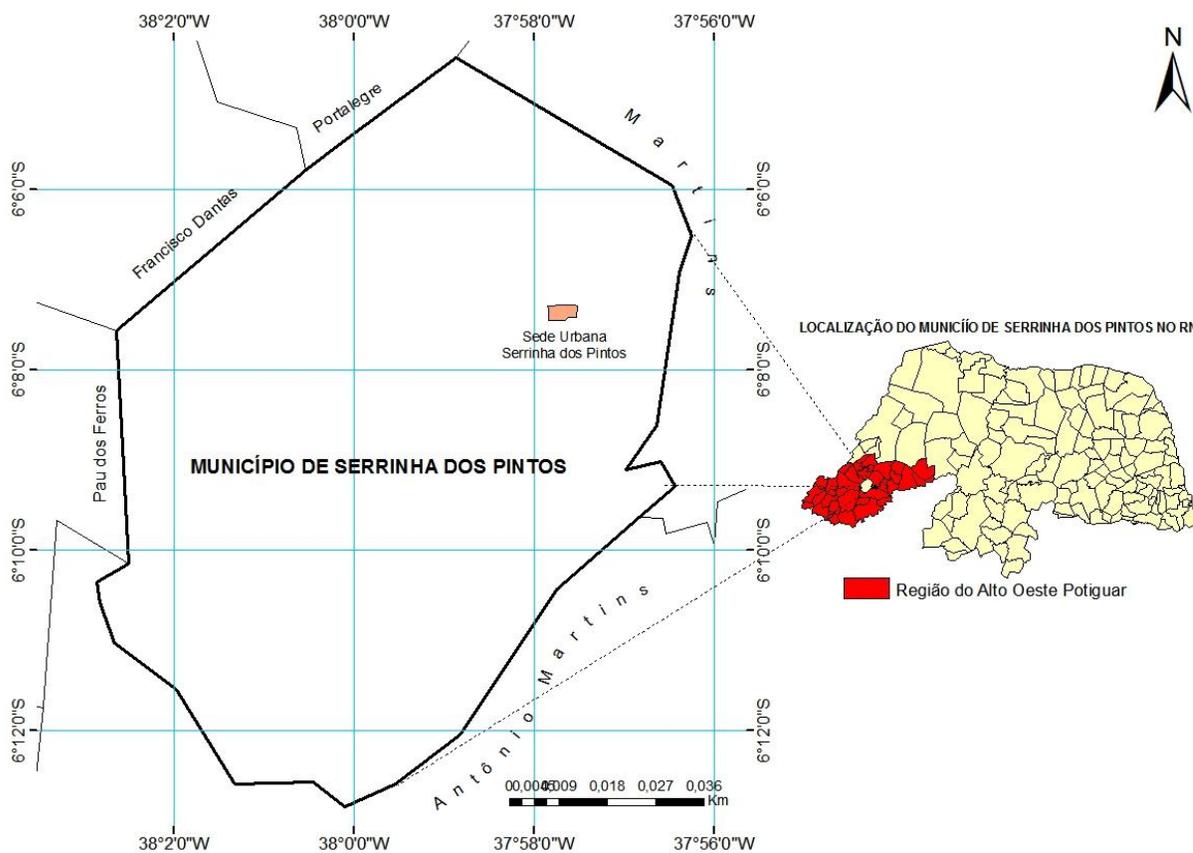
dynamic, the economics factors, the services and local government. These factors are not neutral and are related to levels of national and even global. That city is going through significant deficiencies related to social services, as well as the labor market, linked directly to its own spatial development. In this sense, the example of Serrinha dos Pintos (RN), the small towns still need further geographic studies and interventions, because the production process and organization, concerning the production and reproduction of their space revealing its dynamic socio-territorial process is in a constant process, affecting their society.

Keys-words: Dynamic socio-territorial. Small town. Serrinha dos Pintos (RN).

1- INTRODUÇÃO

Apresenta-se neste artigo uma discussão sobre a dinâmica territorial da pequena cidade de Serrinha dos Pintos (RN), associada à dinamização das atividades econômicas, mais especificamente, as produtivas de natureza agropecuárias, comércio e serviços, as quais têm as ações governamentais locais como principal mecanismo de viabilização. As mudanças também se tornam visíveis na cidade e no urbano, desde a sua emancipação no início da década de 1990, e, não há como entendê-las fora do âmbito das dinâmicas territoriais.

Em seus aspectos metodológicos, este trabalho foi idealizado a partir das atividades de uma disciplina do Programa de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), intitulada “Dinâmicas Territoriais do Rio Grande do Norte”. Nele, foram desenvolvidas pesquisas bibliográficas e de campo, realizadas durante a construção do mesmo, onde foram realizadas entrevistas com os moradores mais antigos da cidade de Serrinha dos Pintos, análises de informações e de séries estatísticas provenientes do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no sentido de estabelecer uma relação entre o teórico e o empírico. Feito isto, aborda-se algumas leituras do espaço geográfico urbano de Serrinha dos Pintos, distante cerca de 367 km de Natal, capital do Estado do Rio Grande do Norte, no sentido de se refletir e pensar sobre dinâmica socioterritorial de cidades pequenas, muito comum na porção oestana deste Estado nordestino (Mapa 1), dinâmica essa ligada à formação do território municipal como um todo, a sua sociedade, atividades econômicas e aos processos políticos configurados ao longo de sua recente história.



Mapa 1: Localização do Município de Serrinha dos Pintos na Região do Alto Oeste Potiguar, com Destaque Para a Localização da Sede Urbana e Limites Geográficos

Fonte: Base cartográfica IBGE (2006).

Elaboração: José Erimar dos Santos, 2011.

Segundo o Censo Demográfico realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2010, o Estado do Rio Grande do Norte conta com 166 municípios, cujas sedes são oficialmente consideradas cidades¹. Desse total, 151 possuem população inferior a 20.000 habitantes, sendo consideradas como pequenas cidades, de acordo com os parâmetros do IBGE e do Instituto de Desenvolvimento Sustentável e Meio Ambiente (IDEMA), do Rio Grande do Norte.

¹ O Brasil “[...] considera urbana toda sede de município (cidade) e de distrito (vila), sejam quais forem suas características [...]. A vigente definição de ‘cidade’ é obra do Estado Novo. Foi o Decreto-Lei 311 de 1938, que transformou em cidade todas as sedes municipais existentes, independentemente de suas características estruturais e funcionais” (VEIGA, 2003, p. 31, 63).

O Município de Serrinha dos Pintos-RN é parte da composição da Região do Alto Oeste Potiguar e resultado, enquanto município do Estado do Rio Grande do Norte, da fragmentação territorial ocorrida nessa unidade geográfica (IICA, 2006; GOMES, 1997). A área que hoje abrange esse município é decorrência, inicialmente, do povoamento deste espaço ocorrido nos últimos anos do século XVIII, conforme Morais (1998) e informações relatadas por moradores mais antigos do referido município. Considerado pela historiografia² local como descobridor e desbravador das terras deste município, o Tenente-Coronel Agostinho Pinto de Queiroz que decidiu estabelecer moradia nas terras vizinhas à Serra de Martins. Agostinho Pinto de Queiroz é considerado, ainda, um revolucionário, isto é, um contestador da estrutura política, econômica e social da época. Fato que o levou a fixar-se nestas terras, que, nesse período, eram de posse do Município de Portalegre (RN), assim como as de todos os demais municípios que hoje compõem a Região do Alto Oeste Potiguar. Dessa forma, surgiu então, o povoado de Serrinha dos Pintos.

Sua toponímia é resultante da referência de comparação entre a serra de menor porte, onde fica hoje a sede urbana, e a grande Serra de Martins, localizada nas suas vizinhanças. Daí o nome *Serrinha* (serra pequena), que se junta, na linguagem popular, ao vínculo que a localidade traz do “patriarca” Agostinho *Pinto* de Queiroz. Assim, originou-se o nome definitivo de Serrinha dos Pintos.

Após um crescimento extremamente lento e sempre pautado numa economia baseada nas atividades agrícola e de pecuária, o povoado só veio mesmo a surgir no final da primeira metade do século XX – 1942. Esse episódio é caracterizado, segundo os mais antigos, pela construção da Capela de Nossa Senhora da Salete, edificada em terreno doado pelos proprietários Raul Galdino e Maria Pereira, antigos moradores do município.

No entanto, acredita-se que isso aconteceu devido a um conjunto de possibilidades, já que é comum³, na história dos municípios e respectivas cidades, sobretudo nordestinas, atribuir-se o

² Vale ressaltar aqui que não existe uma historiografia do ponto de vista concreto referente a este município. O que se tem, portanto, são fatos existentes na memória dos moradores mais antigos. Daí a necessidade de mais estudos voltados aos pequenos municípios e respectivas cidades, no sentido de suprir carências existentes de informações e conhecimentos.

³ Pode-se afirmar, sem medo de nos equivocarmos, que se se fizer um levantamento da origem dos municípios e respectivas cidades da Região Nordeste do Brasil, e do Brasil de uma forma geral, encontra-se a presença de um objeto comum a todos eles, que permeia esse processo – a igreja. Essa realidade cravada no imaginário e também na literatura evidencia a importância do sagrado durante o nosso processo de formação social e territorial, que de certa forma contribui para o processo de produção do espaço nacional, pois conforme Baudrillard (2008, p. 10), “[...] todo objeto transforma alguma coisa [...]”.

seu surgimento à construção de uma pequena igreja. Entende-se, pois, que, a sua ocupação e povoamento ocorreram em função da implantação de atividades de criação e de cultivo de subsistência, sendo a capela implantada posteriormente, já que é um elemento da cultura destinado ao imaterial, e não de condições de sobrevivência biológica das pessoas. Depois é que, acredita-se, veio surgir a capela (igreja). Assim, é que surge, de fato, o povoamento de Serrinha dos Pintos, com as primeiras residências sendo construídas ao redor da capela, se formando, portanto, o centro daquela que mais tarde viria ser a sede do município, denominada pela nossa legislação e instituições político-administrativas de “cidade” de Serrinha dos Pintos. Vale salientar que as aspas aqui não são para expressar um sentido pejorativo, mas sim fazer alusão aquilo que J. E. Veiga (2003) traz como discussão em sua obra: *Cidades imaginárias: o Brasil é menos urbano do que se calcula*, publicada pela Autores Associados, ou seja, ao fato de no Brasil se considerar cidade toda e qualquer sede municipal, conforme já discutido anteriormente.

A evolução Político-Administrativa de Serrinha dos Pintos tem seu marco na terceira dezena da segunda metade do século XX – 1985. Com a categoria até então de povoado, em 1985 recebe a titulação e/ou categoria de Distrito Administrativo do Município de Martins. Esse episódio político-administrativo se deu com a elaboração de um projeto encabeçado, na época, pelo Deputado Estadual José Fernandes de Queiroz. Oito anos após, em trinta de outubro de 1993, com a criação do Projeto 341/92 do Deputado Estadual José Patrício Figueiredo Júnior, a partir da publicação da Lei 6.492/93, sancionada pelo então Governador do Estado José Agripino Maia, o Distrito Administrativo Serrinha dos Pintos, passa à categoria de Município do Estado do Rio Grande do Norte.

Em suma, esses são os principais fatos aos quais se ligam a origem do município e da pequena cidade de Serrinha dos Pintos. Isso está presente na história oral dos moradores mais antigos residentes nesta cidade, a qual se tem acesso a partir de conversações com os mesmos e consultas a documentos juntos ao poder legislativo. Acredita-se que a identidade e a territorialidade⁴ dos lugares se mantêm também na memória coletiva de seu povo.

⁴ Conforme Saquet (2007), o território é resultado das ações dos homens em sociedade no processo de organização do espaço, tanto do ponto de vista jurídico, como cultural e economicamente. Já a territorialidade, é uma forma de controle sobre certa área ou espaço, uma estratégia para influenciar ou controlar recursos, fenômenos, relações e também pessoas.

Com efeito, ficou-se conhecendo os marcos de seu povoamento e formação territorial, elementos fundamentais para entende-se as dinâmicas territoriais dessa pequena cidade potiguar. Em seguida, far-se-á ligeiras considerações sobre o tema pequenas cidades baseadas, sobremaneira, em pesquisas bibliográficas, seguidas de algumas notas, fruto da vivência empírica e confrontação com bibliografia, acerca da dinâmica socioterritorial de Serrinha dos Pintos, encerrando-se com as considerações finais.

2- PEQUENAS CIDADES: BREVES CONSIDERAÇÕES

A discussão sobre cidades pequenas demanda algumas considerações que, do ponto de vista metodológico e conceitual, são caracterizadas como divergentes entre si. Mas, afinal o que é uma pequena cidade? Que características essa categoria de cidade apresentam para que seja denominada dessa forma?

Para responder essas indagações é preciso recorrer ligeiramente às discussões que versam sobre essa problemática. Em outras palavras, é oportuno tecer algumas considerações sobre o tema pequenas cidades, uma vez que há várias concepções conceituais e metodológicas sobre esses subespaços⁵.

Partindo dos critérios populacionais, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010) define pequena cidade o aglomerado populacional composto de população inferior a 20 mil habitantes, desse número até 500 mil habitantes ter-se-iam as cidades médias e, acima de 500 mil habitantes, as grandes cidades.

Comungando com esse critério de classificação das pequenas cidades Maia (2005) assegura que não devemos deixar de considerar o critério populacional, no estudo das pequenas cidades, no entanto afirmando que não é correto partir somente dele.

Como um dos primeiros esforços concernentes às cidades pequenas, pode-se apontar a obra: *Espaço e Sociedade: ensaios*, do geógrafo brasileiro Milton Santos (1979a). Em capítulo

⁵ Entende-se, que, sendo o espaço uma totalidade, este é constituído de subespaços, dentre os quais o urbano, o rural, a grande cidade, a pequena cidade etc. Segundo Santos (1988, p. 112. Grifo nosso), quando fala, por exemplo, do espaço urbano afirma que este “[...] tem as condições requeridas (o aparelho terciário) para as relações com os demais *subespaços*”. Partindo dessa concepção, a pequena cidade também pode ser considerada, *a priori*, como um subespaço dessa totalidade que é o espaço geográfico, evidentemente não separado-a e/ou desarticulado-a dos processos que hoje ocorrem de forma interdependente.

intitulado: *As Cidades Locais no Terceiro Mundo: o caso da América Latina*, esse geógrafo esforça-se, sobretudo do ponto de vista teórico em construir, uma definição e/ou externar uma concepção de cidade pequena que o mesmo chama de “cidade local”. Segundo ele, a cidade local corresponde à “[...] aglomeração capaz de responder às necessidades vitais mínimas, reais ou criadas de toda uma população, função esta que implica uma vida de relações” (SANTOS, 1979a, p. 71). Vida de relações significa, portanto conceber-se as pequenas cidades, antes de tudo, como um espaço, pois “sem relação não há espaço [...]” (BAUDRILLARD, 2008, p. 25).

Entende-se essas necessidades vitais mínimas aquilo que a Associação Brasileira de Normas Técnicas, documento NBR 9284 de março de 1986 denominou de *equipamento urbano*. Ou seja, “todos os bens públicos e privados, de utilidade pública, destinados à prestação de serviços necessários ao funcionamento da cidade, implantados mediante autorização do poder público, em espaços públicos e privados”. Comentando sobre essa norma, Melo (2008, p. 343) afirma que os equipamentos urbanos contemplam as categorias: “circulação e transporte; cultura e religião; esporte e lazer; infra-estrutura (sistema de comunicação, energia, iluminação pública, saneamento); segurança pública e proteção; abastecimento; assistência social; administração pública; educação e saúde”. É evidente que muitas pequenas cidades brasileiras e, sobretudo aquelas localizadas no Nordeste desse país, apresentam esses equipamentos ainda de maneira deficitários.

Tendo por base Santos (1979a) e outros autores, Gonçalves (2005, p. 20) concebe a cidade pequena como “[...] uma das dimensões socioespaciais, geradas pelo processo histórico de produção do espaço urbano e regional”. Serrinha dos Pintos enquanto cidade pequena, como se pôde constatar anteriormente, teve sua gênese ligada aos processos de produção do espaço regional⁶, ou seja, aos processos de fragmentação territorial, inicialmente pelo município de Portalegre (IICA, 2006), que gerou os municípios e cidades, que hoje compõem a Região do Alto Oeste Potiguar.

⁶ Acerca da produção do espaço regional do qual Serrinha dos Pintos está inserida, ver GOMES, Rita de Cássia da Conceição. *Fragmentação e gestão do território no Rio Grande do Norte*. Tese (doutorado em organização do espaço). Rio Claro: UNESP, 1997 e INSTITUTO INTERAMERICANO DE COOPERAÇÃO PARA A AGRICULTURA (IICA). Rio Grande do Norte. Secretaria de Estado do Planejamento e das Finanças. *Plano de desenvolvimento sustentável da região do Alto Oeste*. Diagnóstico. Volume 2, Natal-RN, ano 2006. 268p. Esses trabalhos trazem, de forma geral, elementos para pensarmos questões sobre esta cidade, dentre elas formação espacial, desenvolvimento e manutenção.

Acrescenta, ainda, Gonçalves (2005, p. 20), que “as dimensões espaciais, o número de habitantes, a pouca diversidade de funções urbanas, a dependência de um centro maior, a temporalidade lenta, a relação com a vida rural e a proximidade entre as pessoas [...]”, são os principais elementos que caracterizam cidades pequenas, analisando essa categoria de cidade no Agreste Potiguar⁷. Esse conjunto de elementos são muito expressivos na cidade de Serrinha dos Pintos. A dinâmica territorial que o município apresenta liga-se a esses elementos inerentes a sua configuração enquanto cidade dessa categoria.

Discordando da visão de Santos (1979a), Pereira (2008, p. 2) afirma que

[...] não podemos adotar, de forma generalizada, o conceito de cidades locais, utilizado por Santos (1979) [...] esse conceito pode ser aplicável nas áreas de maior modernização, todavia há um grande número de cidades que não apresentam inovações sendo que, em muitos casos, não possuem sequer a capacidade de suprir sua população com a oferta de serviços e produtos de consumo básico.

Essa autora propõe ainda que sejam levadas em conta algumas características no estudo das pequenas cidades, quais sejam: a baixa oferta de serviços de saúde, de segurança e de educação, bem como também a pouca articulação que essas categorias de cidades têm com o seu entorno, incipientes atividades econômicas e a grande predominância do rural⁸.

3 ORGANIZAÇÃO SOCIOESPACIAL URBANA DE SERRINHA DOS PINTOS E SUA DINÂMICA SOCIOTERRITORIAL

Falar de organização socioespacial é, antes de tudo, falar de produção do espaço. Nesse sentido, destaca-se alguns elementos de produção do espaço urbano serrinhense, no sentido de se refletir melhor sua dinâmica territorial. Tais elementos e dinâmica são, portanto, os próprios

⁷ Acerca de uma leitura mais abrangente das pequenas cidades, sobretudo no Estado do Rio Grande do Norte, ver *Pequenas cidades: uma abordagem geográfica*, de organização de Anieres Barbosa da Silva, Rita de Cássia da Conceição Gomes e Valdenildo Pedro da Silva (2010). Essa obra trata de uma temática rara na literatura geográfica brasileira, processos geográficos das pequenas cidades. Reuni artigos de diversos autores, sendo, pois, importante no estudo dos processos que envolvem a reprodução espacial das pequenas cidades do Rio Grande do Norte.

⁸ A presença de currais, jumentos e carroças é constante nas pequenas cidades do interior da Região Nordeste do Brasil, o que denota sua forte relação com o meio rural, fato que acontece também com grandes cidades brasileiras, mais especificamente em seu entorno. A respeito de um conhecimento mais aprofundado sobre esse tema, ver Maia (2000).

“elementos do espaço” (SANTOS, 1985), que dinamizam territorialmente Serrinha, quais sejam: os homens (a sociedade civil organizada), as instituições (Estado a nível local), o meio ecológico que é hoje expresso em sua configuração territorial, ou seja, no “[...] conjunto de sistemas de engenharia que o homem vai superpondo à natureza, verdadeiras próteses, de maneira a permitir que se criem as condições de trabalho próprias de cada época” (SANTOS, 2008, p. 134) e infra-estruturas (aquilo que se encontra materializado no espaço geográfico, fruto do trabalho do homem, como por exemplo, casas, plantações, caminhos etc., conforme Santos (1985).

Assim, entendemos por configuração territorial aquilo que Santos (1988, p. 111) define como sendo tal, ou seja,

a configuração territorial ou espacial é dada, conforme já buscamos descrever, pelo arranjo sobre o território dos elementos naturais e artificiais ou de uso social: plantações, canais, caminhos, portos e aeroportos, redes de comunicação, prédios residenciais, comerciais e industriais etc. a cada momento histórico, varia o arranjo desses objetos sobre o território. O conjunto dos objetos criados forma o meio técnico, sobre o qual se baseia a produção e que evolui em função dela.

Dessa forma, é a configuração territorial quem, *a priori*, dinamiza socioterritorialmente o espaço, uma vez que, estrutura-se como produto do homem social e historicamente construído.

O espaço urbano é uma produção social e, portanto, dialética em sua organização, materializada na forma, na função, nas estruturas e nos processos desencadeados, pois reflete a sociedade que o produz e, se organiza conforme essa razão. Dentro desse raciocínio, Corrêa (2000, p. 11) afirma que “o espaço urbano capitalista – fragmentado, articulado, reflexo, condicionante social, cheio de símbolos e campo de lutas – é um produto social”. E acrescenta esse mesmo autor que esse espaço é “resultado das ações acumulativas através do tempo, e engendradas por agentes que produzem e consomem o espaço”. Da mesma forma, afirma Carlos (2007, p. 11), quando enfatiza que “[...] o espaço urbano apresenta um sentido profundo, pois se revela condição, meio e produto da ação humana – pelo uso –, ao longo do tempo”. E nesse sentido também, afirma Gottdiener (1997, p. 28): “[...] o espaço é uma construção social em todas as suas dimensões”.

Construção social esta produzida pela população local em sua relação com o meio ecológico e entre si e, com as demais sociedades e instituições, que do ponto de vista

demográfico apresenta-se atualmente, esse município, conforme o Censo Demográfico (IBGE, 2010), com sua população concentrada, em sua maioria, na área urbana, distinta do último censo realizado no ano 2000, por esse mesmo órgão.

Existem na Região do Alto Oeste Potiguar vinte e um municípios, dos trinta e seis existentes, com população inferior a 5.000 habitantes, (IICA, 2006), dos quais faz parte o Município de Serrinha dos Pintos. Segundo o Censo Demográfico de 2000, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população total residente em Serrinha dos Pintos era de 4.295 habitantes. No que se refere à distribuição da população pelos espaços rurais e urbanos, 1.854 moravam na área urbana (43,20%) e 2.441, na área rural, o que resulta em uma taxa percentual de 56,80%. A distribuição de acordo com a estrutura sexual era de 2.164 do sexo masculino (50,40%) e 2.131 do sexo feminino, o que soma 49,60% (**Tabela 1**).

Tabela 1 – População Residente, Sexo e Situação do Domicílio em Serrinha dos Pintos (RN) (1996, 2000 e 2010)

	1996	(%)	2000	(%)	2010	(%)
Homens	2.053	49,87	2.164	50,4	2.291	50,48
Mulheres	2.064	50,13	2.131	49,6	2.247	49,52
Urbana	-	-	1.854	43,2	2.402	52,93
Rural	-	-	2.441	56,83	2.136	47,07
Total	4.117		4.295		4.538	

Fonte: IBGE, Contagem da População, 1996; Censos Demográficos de 2000 e 2010.

Nota: Onde aparece apenas o traço (-), significa a ausência de dados.

Em 1996, a relação entre população urbana e rural não é possível em função da inexistência de tais dados estatísticos referentes a esse período, sendo apresentados somente os do ano 2000, em que a maior parte é concentrada na área rural do município. Isso se deve a uma maior importância que as atividades agropecuárias tinham em detrimento daquelas mais urbanas, como o comércio e os serviços, hoje com mais expressividade.

Já com relação ao Censo Demográfico 2010, realizado por esse mesmo instituto, algumas notas precisam ser destacadas. Primeiro, fazendo uma comparação com os dados dos censo anterior percebe-se que houve um aumento da população total, de 4.295 para 4.538. Segundo, houve uma inversão da população em sua maioria residente na área rural para uma maioria residente na área urbana. Esse fator está ligado ao mesmo verificado no âmbito de Brasil, já que é

uma tendência das sociedades contemporâneas residirem nas cidades, pois conforme já percebia Santos (1994, p. 77), analisando *a urbanização brasileira*, “há, pois, paralelamente ampliação do fenômeno de urbanização” e, isto se deve a um conjunto de fatores ligados a ordem cultural, econômica, política, de saúde e social.

Outro aspecto a ser destacado com relação à cidade de Serrinha dos Pintos, assim como as demais cidades desse porte localizadas no Nordeste brasileiro, é o fato de apresentar pouca diversidade de funções urbanas. Atende a uma população rural que a ela se liga em busca dos serviços mínimos de saúde, de educação e de comércio, haja vista, hoje, quase todo o povoado existente no município possuir pontos comerciais que atende a população local, fazendo com que a população mais afastada da área urbana tenha onde se abastecer de produtos de uso cotidiano (alimentação e limpeza, sobretudo). Esse comércio é do tipo que Santos (1979b) chama de circuito inferior, ou seja, um conjunto de atividades de pequena dimensão e geralmente destinado a uma população de menos poder aquisitivo.

A denominação circuito inferior foi criada pelo geógrafo Milton Santos, na década de 1970, juntamente com a expressão circuito superior, para designar a organização espacial urbana dos países subdesenvolvidos. Os dois circuitos da economia urbana são definidos, segundo esse autor, por duas variáveis: “1) o conjunto das atividades realizadas em certo contexto; 2) o setor da população que se liga a ele essencialmente pela atividade e pelo consumo” (SANTOS, 1979b, 33). Como atividades pertencentes ao circuito superior, podemos listar aquelas consideradas modernas e ligadas ao capital hegemônico e a população é em peso aquela pertencente às classes média e alta. Já as atividades inseridas no circuito inferior são aquelas consideradas não modernas, embora resultem da modernização, cuja população ligada, tanto no que diz respeito à produção quanto ao consumo é aquela pertencente ao substrato social pobre.

O comércio de Serrinha dos Pintos insere-se neste último circuito, uma vez que a presença do trabalho intensivo, do pequeno estoque, o uso do crédito pessoal, (comprar e mandar notar na “cadernetinha” para pagar depois⁹, geralmente no fim e/ou início do mês quando do recebimento do pagamento da aposentadoria ou outro), são as principais características de sua dinâmica.

⁹ Na pequena cidade de Serrinha dos Pintos, é comum as práticas comerciais baseadas na confiança pessoal, ou seja, no uso de um caderno, onde se anotam as compras dos consumidores que são resgatadas ao final de cada mês. Esse ato é realizado principalmente pelos aposentados.

Essas características são responsáveis por parte dos habitantes de Serrinha dos Pintos dependerem constantemente de um centro maior, no sentido da prestação de alguns serviços, sobretudo aqueles de saúde e bancários, mas também de educação (superior), de comércio etc. Como exemplos de centros maiores aos quais essa pequena cidade se liga, pode-se destacar, Martins, Pau dos Ferros, Mossoró, Alexandria e Natal.

À Martins se liga através principalmente dos serviços bancários prestados pela agência bancária do Banco do Brasil, localizado nessa cidade e ainda com relação a serviços de saúde (atendimento médico); à Pau dos Ferros, pelos mesmos motivos em relação à Martins, mais aqueles serviços relacionados à Caixa Econômica Federal, clínicas especializadas em serviços de saúde, serviços da Previdência Social e Receita Federal, Ensino Superior, uma vez que nessa cidade (Pau dos Ferros) existe um *Campus* da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), oferecendo nove cursos universitários, dos quais se ligam muitos jovens serrinhenses; à Mossoró, muitos serrinhenses se dirigem em busca de serviços de saúde e comércio; já com relação à Alexandria e à Natal, os serviços buscados são aqueles relacionados sobremaneira à saúde e de educação. Tal realidade gera uma dinâmica socioespacial cuja característica diária é um fluxo de pessoas e veículos partindo de Serrinha dos Pintos a essas cidades.

Analisando esses serviços oferecidos por essas cidades, percebe-se que são serviços, conforme Santos (2009) correspondentes a uma demanda de consumo, em parte, consumptivo, no caso daqueles ligados aos comércios e às necessidades cotidianas e vitais da população que a ela se liga, ou seja, aquele voltado à demanda da população serrinhense. Antes, sobretudo até meados dos anos 1990, apenas a cidade de Martins tinha sua influência sobre Serrinha dos Pintos, devido, sobretudo equipamentos de saúde e outros serviços e estabelecimentos comerciais, atualmente são várias as cidades que fazem parte de seu fazer-se socioterritorial.

A temporalidade lenta¹⁰ é um outro aspecto de Serrinha dos Pintos. É comum, nas ruas dessa cidade, o contraste entre o “moderno” e o “tradicional”, ou seja, misturam-se automóveis e

¹⁰ Essa alusão ao tempo diz respeito à oposição ao tempo rápido da modernidade de hoje. Esse tempo da modernidade é o tempo das grandes empresas, e do Estado, que marca a vida social. A esse respeito, M. Santos (1994, p. 91), afirma: “A simultaneidade entre os lugares não é mais apenas a do tempo físico, tempo do relógio, mas do tempo social, dos momentos da vida social. Mas o tempo que está em todos os lugares é o tempo da metrópole, que transmite a todo o território o tempo do Estado e o tempo das multinacionais e das grandes empresas. Em cada outro ponto, nodal ou não, da rede urbana ou do espaço, temos tempos subalternos e diferenciados, marcados por dominâncias específicas. Com isso, nova hierarquia se impõe entre lugares, hierarquia

animais transportando lenha para cozinhar, ração para gado ou outros objetos típicos do cotidiano rural muito presente na paisagem urbana das pequenas cidades nordestinas. Esse fato mostra a forte relação que a cidade tem com a vida rural (Figura 1).



Figura 1: Serrinha dos Pintos: Transporte de Ração para o Gado em Lombo de Animais
Fonte: Pesquisa de Campo, 2011.

Somam-se a essas características a proximidade entre as pessoas¹¹. Conversando com aqueles idosos que costumam frequentar a praça central, os mesmos costumam dizer que em Serrinha dos Pintos, e isso é uma realidade das cidades pequenas de um modo geral, “todo mundo sabe da vida de todo mundo”. Esse fato apresenta uma ambiguidade. De um lado incomoda algumas pessoas; de outro, beneficia, como é o caso da prática de comprar fiado no comércio da cidade.

com nova qualidade, com bases em diferenciação muitas vezes maior do que ontem, entre os diversos pontos do território”.

¹¹ Na pequena Serrinha dos Pintos, em qualquer ponto comercial ou repartição pública em que se esteja, “se sabe com quem está falando”. A personalidade é muito marcante, tendo em vista as relações sociais se desenrolarem entre as pessoas de maneira mais afetuosa, e não da maneira como costuma ocorrer nas cidades grandes, marcadas ou dadas, essas relações, pela individualidade. Assim, em Serrinha dos Pintos, “todo mundo se conhece”, já que é marcante as relações sociais se darem, sobretudo por laços de afetividade, sendo a personalidade uma característica que permeia os comportamentos dos cidadãos.

No entanto, por ser uma cidade pequena não significa dizer que esteja ausente dos processos e dinâmicas do atual período¹², pois no dizer do geógrafo Milton Santos (1985, p. 3), “quanto mais pequeno o lugar examinado, tanto maior o número de níveis e determinações externas que incidem sobre ele”. Nesse sentido, pode-se afirmar que por fazer parte de uma república federativa que é o Brasil, e estar inserida no contexto de dinâmica do espaço geográfico mundial, fruto desse período técnico-científico-informacional, essa cidade sujeita-se a determinações e níveis fora do seu controle. Essa realidade é percebida na sua solidariedade, pois é palco de uma acontecer homólogo, complementar e hierárquico, o que é uma realidade intensamente marcante desse espaço de fluxo, que é o espaço geográfico atual.

Segundo Santos (2009, p. 166) o acontecer homólogo se refere às atividades e/ou produções que ocorrem num mesmo subespaço, seja ele cidade ou campo. Isto é, o acontecer homólogo se refere às atividades que acontecem delimitadas no espaço urbano (relações intra-urbanas), ou no espaço rural. Como exemplos desse acontecer pode-se citar as dinâmicas ainda que incipientes referentes às atividades do comércio no âmbito do espaço urbano dessa pequena cidade e as atividades agropastoris do campo.

Por outro lado, nos tipos de interações entre a cidade e o campo, “[...] como também, nas relações interurbanas” (SANTOS, 2009, p. 166), esse acontecer é do tipo complementar. É o caso, por exemplo, de grande parte de sua população que reside na cidade, mas que tem o campo como espaço de trabalho e das pessoas que buscam em outros centros urbanos satisfazer necessidades. Vale ressaltar também a própria relação dos postos de comércio local com cidades circunvizinhas no sentido de abastecerem-se.

Por fim, o acontecer hierárquico, se refere às ordens e à informação “[...] provenientes de um lugar e realizando-se em um outro, como trabalho” (SANTOS, 2009, p. 166) e também como

¹² Sendo o meio técnico-científico-informacional (o espaço geográfico resultante da intensidade, em sua estrutura, da aplicação da tecnologia, da ciência e da informação no processo produtivo), logo o período de mesmo nome, diz respeito ao tempo atual do espaço geográfico, cuja natureza é técnica, científica e informacional, conforme Santos (2009) e Santos e Silveira (2002). Para Santos (2005, p. 121), a partir do final da Segunda Guerra Mundial “o território vai se mostrando cada dia que passa com um conteúdo maior em ciência, em tecnologia e em informação”. Segundo ele, a componente informação é quem vai ser, nesse período, o grande regedor das ações que definem novas realidades espaciais, dando ao meio e aos seus objetos e ações uma organização típica desse processo. Assim, o meio técnico-científico-informacional é, portanto, “um meio geográfico onde o território inclui obrigatoriamente ciência, tecnologia e informação” (SANTOS, 2008, p. 41), resultante do período/tempo de mesmo nome. Em serrinha dos Pintos esse meio geográfico é incompleto, pois no espaço percebe-se apenas torre de telefonia móvel, antenas receptoras de sinais de *internet* etc., como característica dessa realidade do espaço geográfico atual.

cultura, como é o caso sobretudo dos costumes e valores transmitidos via meios de comunicação (TV e internet) que se configuram no lugar enquanto valores e costumes¹³.

Assim, essas interações fazem parte da organização do espaço de praticamente todas as cidades hoje, sendo elas responsáveis pelo fenômeno de crescimento das cidades, bem como dessa massa que povoa esse subespaço, em suma pela dinâmica socioterritorial.

Observando o espaço urbano de Serrinha dos Pintos, percebe-se que este é um sistema fragmentado e ao mesmo tempo articulado (CORRÊA, 2000), mas como todos os outros espaços urbanos, fruto de um mesmo processo de produção – a relação dos homens com a natureza e dos homens entre si e as outras sociedades/povoações. Existem, na pequena área urbana, repartições onde se destacam, com mais intensidade, os comércios: lojas de artigos variados, lojas de roupas, mercearias, “supermercados”¹⁴, farmácias etc., como por exemplo, o centro da cidade.

Aliás, um outro aspecto referente à dinâmica socioterritorial, que por sinal ocorre no centro de Serrinha dos Pintos, dada a partir da praça central, a Praça Padre Walentim Güinter, é aquela referente ao lazer. Nesta praça é “onde tudo acontece”. Esse local – serve de espaço de socialização de jovens, especialmente nos domingos à noite, sendo também, local de realização das festas religiosas, juninas, de encontro de pessoas da terceira idade nos fins de tarde etc. Isso denota a quase inexistência de equipamentos de lazer na referida cidade, setor este representado, sobremaneira para os jovens, por um ginásio poliesportivo, campinhos de futebol em alguns sítios e por bares e/ou clubes de dança. Estes últimos são agentes refletores de alguns problemas sociais, tais como o uso abusivo do álcool, desde os primeiros anos da adolescência dos jovens locais e a maternidade precoce entre algumas adolescentes¹⁵.

¹³ Pouco antes da década de 1990, era comum, em Serrinha dos Pintos, as pessoas sentarem-se nas calçadas para conversarem sobre assuntos ligados à agricultura, aos acontecimentos locais e regionais etc.. Nos dias atuais, esse costume foi substituído pelo de assistir as novelas, sobretudo aquelas “globais”, fato que reúne, na sala, pai, mãe, filhos e até outros vizinhos se saem de suas casas para irem assistir novelas no vizinho. Isso mostra um pouco da manifestação do acontecer hierárquico, hoje presente no espaço geográfico, ou seja, uma ordem proveniente de um lugar – o Rio de Janeiro – (o desejo que a Rede Globo tem de todos assistirem suas novelas), se realizando em outro, no caso nas pequenas cidades, sobretudo do Nordeste brasileiro.

¹⁴ O que na verdade se denomina de supermercado nas cidades pequenas são mercadinhos. Aqueles têm um porte maior em relação a esses que se originaram, em sua grande maioria das bodegas e/ou outros estabelecimentos comerciais pequenos, muito comuns no Nordeste brasileiro.

¹⁵ A maternidade precoce não é uma realidade tão expressiva em Serrinha dos Pintos, mas em muitas pequenas cidades do Nordeste e do Norte do Brasil é significativa. E entende-se como uma das causas desse problema o uso do álcool, desestruturação familiar, enfim ausência de uma cultura voltada para o desenvolvimento social, que demanda *a priori* políticas públicas adequadas, sobretudo com investimentos em educação e cultura.

Outro fator ao qual se liga a organização espacial urbana de Serrinha dos Pintos bem como sua dinâmica territorial diz respeito a sua economia. Assim, é importante entender o rol das atividades econômicas nesse processo de dinamização do território.

A economia do Município de Serrinha dos Pintos encontra-se estruturada nos principais segmentos: agropecuária, comércio, serviços e benefícios da Previdência Social (aposentadorias).

Pelo fato de localizar-se em uma região economicamente frágil – o semi-árido nordestino – Serrinha dos Pintos teve sua formação econômica associada, em grande parte, a uma economia destinada às atividades agropastoris, sobretudo de pequena produção de algumas culturas, como por exemplo: feijão, milho e criação de gado, o que, de início, transformou esse espaço num fornecedor de produtos primários para a sua população local e para contribuir no abastecimento das feiras livres de Martins (RN), Pau dos Ferros (RN) e Umarizal (RN) (Figura 2).

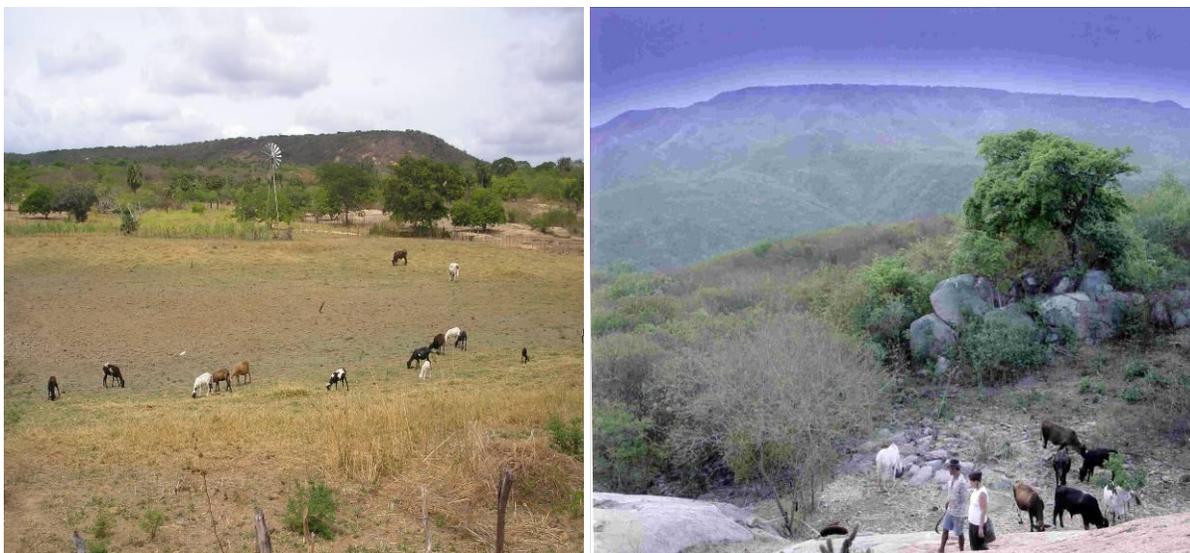


Figura 2: Serrinha dos Pintos: Criação de Gado - Caprino e Bovino
Fonte: Arquivo do autor, 2011.

A agropecuária, que compreende a agricultura e a pecuária é o setor de atividade econômica, que emprega mais pessoas, cerca de 54,60% da população ativa (IBGE, 2000). Na agricultura, os produtos de maior destaque são: o milho, o feijão, o arroz etc.; fruticulturas (caju, pinha, siriguela, coco etc.). Na pecuária, a bovinicultura e a caprinocultura são os que merecem destaque entre os demais (suinocultura, avicultura etc.). Vale ressaltar que a agricultura e a pecuária são atividades do tipo familiar e se destinam ao abastecimento e consumo locais.

O comércio é representado, principalmente por: mercadinhos, lojas de confecções, de materiais de construção, padaria, bares, farmácias etc., que se restringem a gêneros de necessidades primárias, fazendo, dessa forma, com que a população se dirija a centros urbanos maiores, atraídos por preços mais acessíveis e por uma maior variedade de comércio, o que proporciona melhores opções de escolha. Em suma, em Serrinha dos Pintos, há uma “[...] permanência de pequenos comércios e serviços, com estabelecimentos dispersos”, conforme Santos (1994, p. 90), quando analisa *a urbanização brasileira*, mas de pequenas dimensões.

Os estabelecimentos comerciais dessa pequena cidade funcionam de forma incipiente, uma vez que os poucos pontos de comércio existentes são aqueles que visam atender as necessidades mais urgentes dos serrinhenses, como por exemplo: mercadinhos, farmácias, panificadora, além de alguns equipamentos mais modernos, fruto desse meio técnico-científico-informacional, como são o caso de *lan houses*, que têm, juntamente com aqueles, a presença familiar ocupando os postos de trabalhos existentes. Em suma, pelo fato de apresentar pouca dinâmica econômica, o comércio nessa cidade restringe-se à venda de gêneros de primeira necessidade, sendo os serviços de bancos, de saúde educação mais especializados, configurando-se de forma reduzida e/ou limitada, fazendo com que seus habitantes se desloquem a centros maiores, conforme já mencionado.

O setor de serviços engloba aqueles representados pelos setores da educação, saúde, os prestados pela administração pública local, e ainda, os domésticos, dentre outros. Merece destaque também, a construção civil, serralharias, marcenarias, que contribuem para esse setor da atividade econômica desse espaço. Vale salientar, que (a construção civil, serralharias, marcenarias), representam as atividades industriais nesse município, juntamente com uma padaria, sendo o que as caracterizam, assim como os estabelecimentos comerciais, são o trabalho e a propriedade familiar.

A aposentadoria tem grande importância não somente na economia urbana, mas também na economia municipal de uma forma geral. Juntamente com os programas assistencialistas do Governo Federal, dinamizam o mercado local, fortalecendo-o, pois todo o dinheiro proveniente desses fundos são aplicados, em sua grande maioria, no mercado local, em produtos de consumo de necessidades básicas e outros.

Para se ter uma ideia, segundo a Secretaria Municipal de Assistência Social, são 1022 famílias cadastradas no município no Programa Bolsa Família. Dessas, 732 estão recebendo os benefícios do Bolsa Família, que em valores, entra no município R\$ 80.900,00 por mês para pagar essas 732 famílias, cujo resultado é, juntamente com aquele dinheiro proveniente das aposentadorias, a movimentação no comércio local.

Em suma, todas essas atividades econômicas mencionadas impuseram uma nova configuração e dinâmica do território urbano serrinhense, como também, configuraram, ao longo de seus processos geográficos e históricos, desigualdades sociais. Esse espaço de contradições se apresenta como um mosaico de áreas como, por exemplo, o centro da cidade mais organizado do ponto de vista comercial e residencial, cujas residências, assim como nas áreas mais afastadas, chegam a se confundir com os estabelecimentos comerciais, onde encontram-se os elementos da dinâmica territorial: o pouco, mas existente dinamismo econômico (comércio e serviços), enquanto outras áreas constituem-se focos do planejamento e do direcionamento de políticas públicas, como aquela onde se localiza o conjunto habitacional, muito distante da malha urbana municipal (Figura 3) e (Figura 4).



Figura 3: Serrinha dos Pintos: Vista Parcial do Centro da Cidade com Seus Estabelecimentos Comerciais, 2011

Fonte: Pesquisa de Campo, 2011.



Figura 4: Serrinha dos Pintos: Vista Parcial de Conjunto Habitacional Construído, Distante do Centro, Cerca de 3km 2007

Fonte: Arquivo pessoal do autor, 2007.

São esses os principais aspectos econômicos de Serrinha dos Pintos. Nesta cidade ou a renda per capita provém dos setores de atividades econômicas acima supracitados, ou não provém de nenhum lugar. Isso é importante se ressaltar, para o caso estudado, uma vez que a dinâmica territorial dessa cidade tem em seu core esses fatores como elementos de dinâmica e reorganização socioespacial. Assim, os ter trazidos para reflexão foi no sentido de que poderão servir de comparação com outros estudos dessa natureza acerca de dinâmica territorial de pequena cidade.

A análise qualitativa de tal espaço, através do estudo teórico e empírico revelou a lógica do funcionamento deste espaço, que aponta para a ausência de um suporte econômico eficiente, que por sua vez gera problemas como: o desemprego generalizado, a ausência de infraestrutura, além da intensificação e surgimento de espaços desiguais¹⁶, como se percebe ao entrar em cidades desse porte e características. Do ponto de vista da sua dinâmica socioterritorial é assim que essa pequena cidade encontra-se configurada e dinamizada.

Por fim, o trabalho evidenciou ainda que embora existindo pequenas cidades que não participam diretamente da nova dinâmica econômica dos seus respectivos Estados e se

¹⁶ refere-se aqui aos conjuntos habitacionais construídos pelos governos locais cujas localizações se dão afastadas das demais residências que formam o espaço citadino.

caracterizando, nesse sentido, enquanto centros urbanos que apresentam perda de população por emigração, economia urbana dependente de serviços públicos, e aposentadorias e programas assistencialistas e outros mecanismos de rendas econômicas, presença de pequenos serviços modernos, estruturando-se nos moldes do circuito inferior da economia urbana, traços da vida rural no tecido urbano e um padrão urbanístico simples expresso na paisagem urbana, é motivo de pesquisas geográficas, uma vez que são espaços do homem.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Busca-se mostrar, neste trabalho, questões que envolvem a dinâmica socioterritorial em cidade pequena, a partir de uma cidade dessa categoria localizada na região Nordeste do Brasil. Vimos que sua dinâmica se liga a fatores econômicos, políticos e sociais de ordem não somente locais, mas verificados a uma natureza dinâmica mais geral, o espaço global.

As breves notas aqui esboçadas sobre dinâmica territorial dessa categoria de cidade, sobretudo aquelas que levaram suas dimensões espaciais, o número de habitantes, sua pouca diversidade de funções urbanas, sua dependência em relação a um centro maior, sua temporalidade lenta, sua relação com a vida rural e a proximidade entre as pessoas, foram características aqui discutidas na inviabilidade de uma discussão pronta e acabada. Assim sendo, precisa-se desenvolver mais discussões acerca dessa categoria de cidade, sobretudo no nordeste brasileiro, no sentido de que haja solução para problemas não somente típicos às cidades dessa dimensão, mas comum a todas elas, como é o caso do desemprego e da habitação, que hoje fazem com que o espaço ganhe uma paisagem cada vez mais metamorfoseada e dinâmica, com elementos novos, como é o caso do comércio e das formas de habitações construídas pelo poder público local.

Esta última problemática tem levado, hoje, à construção de uma nova forma muito comum às pequenas cidades: uma forma de espaço de certa maneira “planejada”, ou seja, os conjuntos habitacionais, geralmente localizados nos arredores dessas cidades, o que leva a indagar-se se esse fato é uma exclusão planejada ou não. Por que as pequenas cidades apresentam conjuntos de residências geralmente localizados de maneira afastados das demais? É falta de espaço físico para tal? É vontade política?

Da mesma forma vale-se para o comércio. Como se organizam as atividades comerciais e de serviços nas pequenas cidades? Que fatores intervêm nesse fator e que elementos são incorporados a cada dia no rol de suas vendas? É um comércio típico dessa categoria de cidade ou apresenta semelhanças com o das cidades maiores? Qual tem sido a ação do poder público local frente a esses problemas?

São questões que precisam de atenção, pois isso já é uma evidência e, portanto, realidade do espaço geográfico, cuja base primeira está na investigação e/ou do se levar em conta os elementos do espaço, conforme Santos (1985), pois a dinâmica territorial tem em seu core essa visão de entender o espaço, seja ele na sua forma ligada aos processos mais comuns às grandes cidades, sejam eles ligados às cidades pequenas, como é o caso de Serrinha dos Pintos. Assim, espera-se ter contribuído de forma positiva para possíveis debates e discussões sobre a temática referida.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS (ABNT). **Equipamento urbano: classificação**. NBR, 9284, março de 1986. Rio de Janeiro: ABNT, 1986.

BAUDRILLARD, Jean. **O sistema dos objetos**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O Espaço Urbano: Novos Escritos sobre a Cidade**. São Paulo: Labur Edições, 2007, 123p.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. 4. ed. 2ª impr. São Paulo: Editora Ática, 2000. (Série Princípios).

GONÇALVES, Francisco Ednardo. **Cidades pequenas, grandes problemas: perfil urbano do agreste potiguar**. 2005. 173 f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Centro de Ciência Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.

GOMES, Rita de Cássia da Conceição. **Fragmentação e gestão do território no Rio Grande do Norte**. Tese (doutorado em organização do espaço). Rio Claro: UNESP, 1997.

GOTTDIENER, Mark. **A produção social do espaço urbano**. 2. ed. São Paulo: Edusp, 1997.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Estatísticas Populacionais**. Disponível em: www.ibge.gov.br/seculoxx/estatisticas_p... Acesso em: 04/12/2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Contagem populacional 1996; Censo demográfico de 2000; Contagem populacional 2007; Censo demográfico de 2010.** Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em 13/11/2010.

INSTITUTO INTERAMERICANO DE COOPERAÇÃO PARA A AGRICULTURA (IICA). Rio Grande do Norte. Secretaria de Estado do Planejamento e das Finanças. **Plano de desenvolvimento sustentável da região do Alto Oeste.** Diagnóstico. Volume 2, Natal-RN, ano 2006. 268p.

MAIA, Doralice Sátyro. **Tempos lentos na cidade:** permanências e transformações dos costumes rurais na cidade de João Pessoa-PB. 2000. 338p. Tese (Doutorado em Geografia Humana). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

_____. Cidades pequenas: como defini-las? Apontamentos para o estudo sobre as pequenas cidades no Brasil. SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA URBANA. IX. 2005, Manaus. **Anais...** Manaus: 18 a 21 out. 2005.

MELO, Nágela Aparecida de. **Pequenas cidades da microrregião geográfica de Catalão (Go):** análises de seus conteúdos e considerações teórico-metodológicas. 2008. 513 f. Tese (Doutoramento em Geografia). Instituto de Geografia/UFU, Uberlândia/MG.

MORAIS, Marcus Cesar Cavalcanti de. **Terras Potiguares.** Natal-RN: Dinâmica Editora, 1998.

PEREIRA, Anete Marília. Reflexões sobre as pequenas cidades do norte de Minas Gerais (BR). ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 15. 2008. São Paulo. **Anais...** São Paulo: AGB, 2008.

SANTOS, Milton. **Espaço e sociedade:** ensaios. Petrópolis: Vozes, 1979a.

_____. **O espaço dividido:** os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979b. (Ciências sociais).

_____. **Espaço e método.** 5. ed. São Paulo: Edusp, 1985.

_____. **Metamorfoses do espaço habitado:** fundamentos teóricos e metodológicos da geografia. São Paulo: HUCITEC, 1988.

_____. **A urbanização Brasileira.** 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1994. (Estudos urbanos; 5).

SANTOS, Milton; SILVEIRA, María Laura. **O Brasil:** território e sociedade no início do século XXI. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

SANTOS, Milton. **Da totalidade ao lugar.** São Paulo: Edusp, 2005.

_____. **Técnica, espaço, tempo:** globalização e meio técnico-científico informacional. 5. ed. São Paulo: Edusp, 2008. (Coleção Milton Santos; 11).

_____. **A natureza do espaço:** técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. 5. reimpr. São Paulo: Edusp, 2009. (Coleção Milton Santos; 1).

SAQUET, Marcos Aurélio. **Abordagens e concepções sobre território.** São Paulo: Expressão Popular, 2007.

SILVA, Anieres Barbosa da; GOMES, Rita de Cássia da Conceição; SILVA, Valdenildo Pedro da. **Pequenas cidades:** uma abordagem geográfica. Natal-RN: Edufrn, 2010.

VEIGA, José Eli da. **Cidades imaginárias:** o Brasil é menos urbano do que se calcula. 2. ed. Campinas-SP: Autores Associados, 2003.